



Capítulo 2

**O NASCIMENTO DE JESUS,
O PROMETIDO AOS POVOS
DA TERRA**



2-1

2/1 Em 17 de Abril de 10 a.C., às dezessete e quarenta e cinco horas, em Nazaré, na palestina Galileia, voltou à vida de carne, nesta morada também criada por Deus, o espírito que recebeu, consoante orientação, o nome Jesus. O parto foi realizado na cataluma de cima da residência dos pais.^[63]

2/2 Maria, que começara a sentir as dores inerentes a expulsão do feto no principiar da tarde do dia 16, ao dar à luz, indagou à mãe, que se conservou sempre presente, se o filho era como as outras crianças. Ana, igualmente grávida, assegurou-lhe que era perfeito, com José acrescentando ser ainda mais belo. Imediatamente, a caçula de Joaquim agradeceu a Deus pela dádiva e, contristada, abaixou a cabeça. Por não entender o estranho comportamento, quem participara da geração do rebento inquiriu a esposa o que acontecera. Comunicou ela que fora por se lembrar do que os gabaritados pressagiados de antanho marcaram, de que o anelado libertador salvaria os de sua gente e, depois, iria embora; portanto, perderia-o. Consolando-a, o unigênito de Jacó evidenciou ignorarem o desígnio do Senhor para o recém-chegado. Finalizando, recordou-a da instrução que lhe disponibilizara.

2/3 - “Falo que foi o Senhor que te mostrou como aceitar a Sua vontade, não a minha pessoa, que foi o Senhor que me ajudou a colocar essa verdade no teu coração”, contrapôs Maria, ratificando sua persuasão de que o filho nunca lhe pertenceria.

2/4 Encerrado o diálogo, Mateus adentrou no recinto para conferir se o bebê era diferente, se algum sinal nele era observável, pois acreditava que, como

[63] A habitação de Maria e José, escavada em um barranco, possuía uma espécie de salão principal, uma circunferência com diâmetro de três metros e altura de dois, onde pernoitavam os carneiros, asnos e cabras, objetivando também aquecer o ambiente nas gélidas madrugadas.

Ao redor do amplo, para os da época, aposento, fora do alcance das alimárias, quatro buracos, chamados cataluma de baixo, serviam de dormitórios e banheiro. Quarenta centímetros mais elevado, sobre os espaços não utilizados pela cataluma de baixo, o que evitava desmoronamentos, existiam mais quatro acomodações, a **cataluma de cima**, como enunciavam, destinadas, geralmente, às crianças e às grávidas. Ambas as catalumas eram acessadas por irregular escadaria.

Caso o usuário dos toscos leitos, que mediam aproximadamente um metro de largura, sessenta centímetros de altura por trinta e cinco de profundidade, fosse ou se tornasse maior que o mesmo, sem detença o adequava ao seu tamanho.

espalharia o que provinha do Senhor, teria asas. Foi inteirado por José de que ele era fisicamente concordante com os demais.

2/5 Conforme costume, ao Jesus concluir seu primeiro trimestre de vida, foi levado à sinagoga de Nazaré e apresentado ao Senhor, oportunidade em que foi ofertado um cordeiro em sacrifício, no ritual comandado pelo rabino Joste.

2/6 No anoitecer seguinte, Eros aportou no vilarejo e entregou ao herdeiro de Jacó substancial valor em moedas romanas, informando que era para serem utilizadas no momento apropriado.^[64] Nada depreendendo do episódio, o beneficiado escondeu-as sob uma pedra até que soubesse o que era para ser feito com elas.

2/7 Aos 13 de Setembro de 10 a.C., em Nazaré, prestes a Jesus completar cinco meses de idade, ocorreu a paridela do filho de Mateus e Ana. Também foi um menino, o que proporcionou ao pai inenarrável alegria, pois Ananias recentemente deixara a vida. A chegada do neonato foi motivo de júbilo e festa, e o mesmo antropônimo do genitor lhe foi atribuído.^[65]

2/8 Pouco tempo depois, o único gerado por Jacó, por sentenciar ser verídico o lhe sucedido, comentou que, enquanto dormia, estivera com o Senhor, que lhe determinara mudar com os da família para a moradia pregada, como se exprimiam, a do tio, visando que o primogênito de Maria e o caçula da sogra crescessem juntos, o que foi acatado pelos dois patriarcas.^[66]

2/9 As semanas transcuraram dentro da normalidade vigente para os que vivenciavam os fatos que dividiriam a história da humanidade deste orbe em antes e depois do surgimento de Jesus.

2/10 José, que adotara a profissão de artesão da madeira, tinha no conserto dos arados sua maior fonte de renda, pois os mesmos, compostos de três pedaços

[64] As **moedas romanas** começavam a circular pela tetrarquia. Quem as possuísse, era classificado como poderoso e não deparava com dificuldades para se locomover pelas estradas de então.

[65] Os hebreus já com filho varão não nomeavam os do mesmo sexo recém-paridos, deixavam que, quando crescessem, escolhessem-no. O estranho, para nós, costume era para não serem caracterizados como injustos, pois, se aos novos herdeiros estipulassem seus antropônimos, de seus mantenedores ou de seus avós, demonstrariam preferência, o que não deveriam fazer, ainda mais se fossem eles de respeito, de força, como se exprimiam.

As crianças sem denominação, até que a elegessem, eram maciçamente chamadas de José ou de Pedro. Para se diferenciarem, o prenome do genitor era adicionado.

Contudo, em ocasiões especiais, quando, por exemplo, o pai o era pela vez inicial de um menino, após uniões em que somente meninas nasceram, com receio de que o rebento não optasse pelo seu nome, nele o colocava, e raras eram as exceções. Outrossim, se idoso e viesse ao mundo seu primeiro descendente másculo, idêntico proceder teria.

[66] As duas moradias se interligavam internamente, como tradicional; entretanto, conservavam entradas externas independentes. O hábito proporcionava às mulheres facilidade no trabalho diário, pois as tarefas eram distribuídas comunitariamente, conforme a habilidade de cada uma. Desse modo, uma moía os grãos de trigo, outra fazia o pão, distinta buscava água e cuidava da limpeza do piso, etcétera.

de lenho que se prendiam por encaixes, precisavam de reparos constantes. Outrossim, compartilhava da preocupação de seu parentado em relação ao agir de Herodes Antipas, que não procedia como de costume. Expectavam infausta ação do opressor, pois havia intensa movimentação de pessoas em suas residências com o intuito de observarem quem Judas garantira ser o protegido do próprio Senhor, curiosos que provinham dos diminutos aglomerados limítrofes, além dos de Nazaré. O inusitado evento, sem dúvida, incomodaria o varão que se intitulava rei; entretentes, nenhuma precaução implementaram.

2/11 Em Belém, Bartolomeu, que, em virtude da certeza que impregnava os subjugados da região, tivera suas palavras da época do julgamento que o frustrou confirmadas, com a habitual soberbia, por ocasião da usual visita que o mais influente dos conselheiros do tetrarca efetuava aos do Templo, proclamou:^[67]

2/12 - “Falei a todos vós que essa mulher era uma blasfemadora. Todos deste lugar já estão a falar que ela foi a eleita para trazer aquele que foi prometido aos profetas hebreus, e que o Senhor, e não José, o carpinteiro, é o protetor daquele que veio de seu ventre. Todos deste lugar estão a crer que a verdade está com ela.”

2/13 Orgulhoso de si mesmo, arrematou:

2/14 - “Falo que é só encontrar José, o carpinteiro, e Maria, a protegida de Joaquim, que essa blasfêmia acaba.”

2/15 Propôs Zidec, com convicção:

2/16 - “Vamos nos colocar à frente de Herodes e, se ele quiser, iremos à procura destes José e Maria.”

2/17 O temido Mamom, sem opção de conduta a não ser perseverar com o truculento e infrutífero esquadrinhamento que realizava a começar do aparecimento da Estrela da Manhã, ante a sugestão e a opinião do vingativo clérigo, de que somente para Nazaré é que os causadores de tamanha agitação poderiam ter ido após o nascimento da criança, acolheu-as com invulgar entusiasmo. O monarca, não admitindo a hipótese de que o escolhido para a empreitada falhasse, desejoso de que suas ordens fossem cumpridas à risca, obteve de Antipas, que conhecia a nata da crueldade, indicação de um asselvajado de sua confiança para capitanear a caçada.

2/18 Em Março de 9 a.C., Zefir, quem fora designado, e Bartolomeu, comboiados por doze combatentes armados, dirigiram-se para a Galileia.

[67] Como em Jerusalém, em Belém igualmente fora edificado um **Templo**, porém, de menor porte, considerado continuação do existente no desde sempre famoso lugarejo vizinho. No entanto, os do povo, como uma manada, direcionavam-se para o do Monte, onde o Senhor estava.

2/19 Perto do primeiro aniversário do prometido, em uma tarde, Mateus comerciava seus melões quando foi participado da iminente presença de soldados obedientes aos usurpadores. Asseguraram-lhe os noticiadores que o mandatário do grupo, por estar com um medalhão do tirano, possuía licença para se apropriar de recursos financeiros de quem quer que fosse, adicionado a autoridade de ingressar em qualquer local. Permaneceu atento; todavia, ao escutar que os forasteiros buscavam pelo carpinteiro do vilarejo e identificando Bartolomeu, o ex-sacerdote do povoado, escoltado de um estranho, esqueceu-se de seus produtos e saiu em disparada com o propósito de acautelar o encaçado. No trajeto, inesperadamente apareceu-lhe um homem, do nada, conforme afiançou, causando-lhe profundo susto, a ponto de sentir-se paralisado, que lhe comunicou ser primordial que José retirasse a esposa e o filho de Nazaré, na noite que se aproximava, e que era para seu caçula os acompanhar. Transmitida a mensagem, dissipou-se como nuvem. Apenas quando alcançou êxito em mexer os membros inferiores foi que prosseguiu a corrida. Junto ao sobrinho, ainda esbaforido, de supetão atestou:

2/20 - “Terás que deixar Nazaré. Não perguntes como sei, só te falo que Bartolomeu está com os comandados de Herodes. Pega as moedas que Simeão te enviou e vai. Leva Maria, Jesus e aquele que é meu protegido.”

2/21 - “Falo que estás doente da cabeça. Como vou fugir com duas crias?”

2/22 - “Aquele que me falou sabe que serás encontrado se estiveres só com uma cria e uma mulher. Se estiveres com duas crias, serás ignorado. Vai, que te encontrarei com Marta e Judas.”

2/23 Nada mais questionando, o legatário de Jacó carregou os animais e com a consorte e os pequenos, sem destino certo, abandonou Nazaré.

2/24 Não abrangendo o porquê de o companheiro ter permitido que seu derradeiro progênito se fosse, Ana chorava, e muito. Mateus reforçou a explicação sobre o sucedido, reafirmando que quem lhe determinara fora o Senhor, o que amenizou um pouco o sofrimento da idosa, pelos padrões da época, genitora.

2/25 Os da diminuta caravana caminhavam a esmo, quando José observou uma colorida rocha. Lembrou-se prontamente da minúscula urbe em que residia Izabel em virtude das incontáveis que existiam nos arredores. Com desenvoltura, anunciou:

2/26 - “Falo que iremos para Veneram, onde Zacarias me ajudará.”

2/27 Ao chegarem, posicionou-o com referência ao acontecido em Nazaré. Esse, ciente de que os guerreiros do alcunhado Mamom haviam vasculhado Belém e circunvizinhança, recomendou-lhe que fosse justamente para a região, improvável sítio em que tornariam a procurar.

2/28 Acatada com alegria a sugestão, o acolhedor rabino montou um grupo de viajantes, no qual crianças e as do sexo feminino preponderavam, que rumou

para o lugar em que os hebreus acreditavam que o prometido aos profetas raia-ra. Por avançarem lentamente, demoraram longo período para aportarem em Belém, o que se concretizou em Outubro de 9 a.C.. De imediato, José buscou por quem sentenciava ser seu protegido, tendo, com intensidade e veracidade, correspondidos seus sentimentos. Simeão José colocou o padraсто a par do ocorrido em Belém desde quando viera para o censo e, como o aguardava, precavidamente para não atrair atenção, principalmente a de Raquel, a que, como hábito, difundia qualquer informação ou evento, fez dele seu sócio, ou, como enunciavam, o que tinha uma parte na carpintaria.

2/29 O gerado por Sara, havia muito, captava as orientações de irmãos que não mais necessitavam de um corpo de carne, de que o pai careceria ser escudado e, em secreto poupava para quando a oportunidade se mostrasse. Os que trabalhavam com ele glosavam a situação crítica do estabelecimento que, sem dúvida, em breve fecharia por ausência de recursos financeiros e matéria-prima, apesar da satisfatória demanda pelos mais variados tipos de serviços.

2/30 Ao fazer do unigênito de Jacó seu parceiro de negócios, Simeão José espalhou que o mesmo arrebanhara dinheiro e lenho em abundância, o que evitaria ter que desistir do ramo. Para completar sua quota no empreendimento, o ex-sedicioso se incumbiria de instruir os mais novos, além de exercer, em sua plenitude, o nobre ofício.

2/31 José e os seus mudaram de nome, fato corriqueiro aos que escapuliam dos da corja que dominava os de sua gente. Passou a se chamar José de Clópatas; sua cónjuge, Maria de Clópatas, e possuíam dois herdeiros, Mateus e Jeremias, o primeiro codinome de Jesus durante a perseguição iniciada por Herodes, o grande.

2/32 O último fruto do ventre de Ana sempre recebeu dos Clópatas amparo e afeição como se legítimo integrante da prole fosse.

2/33 Raquel, a qual o que escutava, propagava, era filha de um próspero e afamado comerciante de asnos. Seu dia se resumia na obtenção de notícias, sem distinção de assunto. Quando da chegada de mercadores, buscava-as com ansiedade, não como bisbilhotice e, sim, por mera curiosidade, segundo sua definição. O que descobria, alastrava inclusive para quem não lhe efetuasse indagação. Temendo que a não matrimoniada mulher se inteirasse da verdadeira identidade dos Clópatas, o primogênito de Sara nada confidenciou a Rebeca sobre a questão, também porque ela constantemente asseverava que não queria se envolver com os que admitiam um deus que não se via. Não teve dificuldades em manter os seus em sigilo, pois a esposa não se locomovia até a oficina em circunstância alguma, para não se misturar com a pobreza; consequentemente, a hipótese de reconhecer José era diminuta.

2/34 Em Nazaré, na manhã vindoura à evasão de José, Zefir espreitava a

movimentação na habitação de Mateus e na pregada que, em sua concepção, era a de quem caçava.^[68] Por quatro dias, conservou-se a vigiá-las. Por não notar nenhum rebento, entrementes, sabedor do porquê das inúmeras pessoas na choça adentrarem, procurou pelo produtor de melões com o pretexto de ao menos vislumbrá-lo. Após perguntar por ele, prosseguiu, qualificando-o:

2/35 - “Falo que essa cria é aquele que foi prometido ao profeta Isaías.”

2/36 Arrematando, especificou que o menino não nascera de uma gestação normal, que seu protetor era o próprio deus dos hebreus.

2/37 - “Nesta moradia não há uma só cria que veio do Senhor”, manifestou-se o interpelado.

2/38 Como resultado de tamanha insolência, teve sua plantação destruída. Por nada revelar, pois realmente ignorava o destino do sobrinho e dos de sua família, foi violentamente espancado e viu a consorte ser trucidada. Somente permaneceu vivo porque suspeitaram que José volveria. Pelo acontecido, ficou revoltado e a afirmar que fizera o que o Senhor lhe determinara, e Ele o abandonara.

2/39 Com muitas primaveras e doente, Bartolomeu coadjuvara o enviado por Herodes, o grande, a Nazaré com o único intento de apontar ao cúmplice os causadores do insuportável tormento ao déspota. Como jamais fora reparado por Ana, a quem amava em segredo, por não mais ter esperanças de conquistá-la desde sua atuação no julgamento de Maria e por não desejar revê-la, pois a avaliava feliz junto de seu novo companheiro, não participou das atividades de Zefir. Esse, por possuir ordens para encerrar qualquer indivíduo, independente do motivo, prescindiu na remunerada tarefa do vingativo presbítero, que distinguiria o execrado carpinteiro depois da captura.

2/40 Quando Bartolomeu cientificou-se da morte da musa, nada comentou com o indicado por Antipas, nem que recentemente tivera ela um filho, muito menos se preocupou com seu paradeiro.

2/41 Após o brutal assassinato da cônjuge de Mateus, seu asselvajado executor com os que comandava demoraram-se por mais três dias em Nazaré, revistando residências e inquirindo a quem conhecia José sobre sua localização; contudo, nada encontraram. Objetivando aprisionar um casal com um descendente, esquadrinharam as cercanias, interrogando com truculência os que por eles cruzavam; todavia, as respostas eram, invariavelmente, negativas.

2/42 Por cinco luas, Zefir e os seus campearam os que escapuliram, até que um adventício, quando pressionado, noticiou-lhes que, ao deixar Veneram havia

[68] A madeira que bloqueava o acesso ao casebre de José permanecia entreaberta, sinal de que ela não era utilizada como habitação única.

meses, observara dois estranhos; entretanto, não lobrigara criança junto deles. O que chamara sua atenção foi o fato de a mulher ser muito bela, pois o lugarejo nunca as tivera. O funesto sacerdote, convicto, opinou que a hebreia, pelo fascínio que provocara, sem dúvida era Maria. Dias depois, resolveu o que no rasto do almejado redentor continuava conferir a informação. Por ter a saúde de Bartolomeu, que, então, necessitava ser carregado e que comumente delirava, agravado-se, não expôs ao cruel assecla do autoproclamado rei da Galileia que a caçula de Joaquim possuía aparentados em Veneram.

2/43 Ao chegar ao vilarejo fundado por Zacarias e Zaqueu, Zefir procurou pelo rabino. Não obtendo do mesmo o que entendia ser veraz, decretou aos seus, para intimidar, que queimassem, aleatoriamente, diversas choças. Falsamente propagandeou que sabia da estada de José e Maria entre eles e anunciou que mataria as alimárias e ulteriormente os pequenos se não relatassem o sucedido. Aflito pelos filhos, em virtude do ódio e da bestialidade dos combatentes do poderoso Herodes, o grande, predicados bastante difundidos entre os subjugados, um dos íncolas confessou que os perseguidos estiveram entre eles e que rumaram para Belém havia algumas semanas.

2/44 Ávido por alcançar sua caça, o oficial mor da súa, jubiloso, nada mais arguiu. Partiu ignorante de que o herdeiro de Jacó marchara com duas crianças e não uma, como acreditava. No caminho, Bartolomeu, não aguentando os efeitos da moléstia que o dominava e as agruras da viagem, faleceu. Sem a presença física de quem poderia identificar os fugitivos, Zefir, momentaneamente, desistiu da busca. Porém, astutamente, não se dirigiu imediatamente a Belém, pois, se regressasse sem resultados, perderia as regalias que tivera na empreitada.

2-2

2/45 Em Belém, Maria seguia seu viver. Jeremias sugava o leite materno com reconfortante calma, diferentemente do filho de Ana e do ex-carpinteiro de Nazaré, considerado da prole dos Clópatas por quem os conheciam, que, ao mamar, fungava de satisfação com o alimento recebido.

2/46 Para a protegida de Joaquim, a movimentada e importante urbe estava mudada. Esclareceu-lhe José que era o progresso, e que dele não gostava. Não eram mais somente os egípcios os vendidos como escravos, mas também os que não pagassem os impostos, os quais, para sustentarem o luxo dos governantes, aumentavam cada vez mais. Dia a dia, incontáveis hebreus, mesmo após se desfazerem de suas glebas e moradias para honrarem os tributos, transformavam-se em patrimônio material de Herodes, o grande, por não serem exitosos em quitá-

los.^[69] Quando o número dos privados da liberdade se mostrava excessivo, eram comercializados em praça pública.^[70]

2/47 Examinando as modificações ocorridas, o herdeiro de Jacó ansiava em que Jeremias crescesse, admitindo que ele acabaria com a situação imperante. Maria e Simeão José lhe rogavam paciência, pois poderia colocá-los em perigo ainda maior.

2/48 A vivência dos Clópatas prosseguiu no ritmo normal para os do longínquo período, alterado quando o tetrarca Herodes, por não encontrar quem muitos do povo que oprimia determinaram ser o prometido pelo Senhor, mandou exterminar a totalidade das crianças detentoras de até dois aniversários.

2/49 O calor que em Belém fazia era insuportável. No entardecer de 14 de Maio de 8 a.C., Simeão José e a quem qualificava genitor estavam defronte a oficina quando observaram, não muito distante, vindo direto a eles, três homens com roupas em tal grau brancas que brilhavam. Ao se aproximarem, depois dos cumprimentos, orientaram-lhes para retirar os meninos de Belém, pois os comandados do monarca, na manhã posterior, eliminariam muitos dos pequenos. Abalado, José inquiriu-os para qual vilarejo deveriam ir. O que parecia ser o mais velho lhe norteou:

2/50 - “Lembras onde estavas quando as terras de teu protetor foram invadidas?”

2/51 O primogênito de Sara afirmou que a antiga propriedade de Jacó estava deserta; todavia, José compreendeu a extensão do proferido pelos forasteiros.

2/52 Mesmo com o recém sócio residindo anexo a primitiva fábrica, por nela estocarem madeira, produto de valor, pai e filho no rústico ambiente dormiam, pois os roubos eram frequentes. Prontamente após os três visitantes partirem, os dois assustados varões carregaram quatro asnos com água e vitualhas e, acompanhados de Maria e das crianças, abandonaram Belém.

2/53 Percorrido o, na época, não tão desértico caminho, chegaram à caverna que proporcionara a José sobreviver quando adolescente. O esconderijo não era obra da natureza, pois fora construída por mãos humanas sob uma enorme rocha. Deixando-os a salvo, Simeão José e o genitor retornaram incógnitos, não sem antes providenciarem o fechamento, com pedras, da entrada do refúgio, dando ao local a aparência de ser mais um montículo entre tantos outros.

2/54 Os dois hodiernamente, pelas habilidades, classificados marceneiros fi-

[69] Ao se tornarem cativos, perdiam inclusive os nomes. Eram chamados apenas por batidas de palmas.

[70] Como em época não distante, o preço variava de acordo com as condições físicas de cada um, fundamentalmente dos membros superiores e dos inferiores, além dos dentes.

caram arredados de Belém por quase setenta e duas horas. Ao voltarem, cerca do meio-dia de 17 de Maio, José, verificando a mortandade, ingressou na carpintaria e nela permaneceu, agindo como se simplesmente tivesse se afastado a trabalho. Simeão José, quando abrangeu a magnitude do episódio, mais entristecido ficou por terem chacinado os de diminuta idade, atitude que não era costumeira por parte do tirano, que sempre os poupava.

2/55 Junto da esposa, o primeiro dos filhos de Sara foi informado do sucedido. Narrou-lhe Rebeca que os combatentes de Herodes, o grande, haviam penetrado em diversas moradias, jugulado famílias inteiras e os que lhes opuseram resistência. O que relatava era com exultação, pois os trucidados, apesar de sua gente, eram miseráveis, os quais detestava, e crianças que, estéril, não podia gerar. Ao ser indagado onde estivera, Simeão José respondeu que a negociar lenho de qualidade com um de sua confiança. Gananciosa, a consorte vislumbrou a oportunidade de auferir lucros e, satisfeita com as explicações, nada mais pleiteou saber. Com referência ao anunciado coproprietário Clópatas, como não reparara sua ausência, pois a oficina não se deslocava para evitar, conforme não se envergonhava de propagar, ser felicitada pelos empregados, questionamento algum efetuou.

2/56 O sacrifício dos nascidos na Estrela de Belém, como ficou conhecido o monstruoso massacre, considerado o ato de suprema crueldade para com os hebreus tão sofridos, principiou-se no alvorecer de 15 de Maio de 8 a.C., capitaneado por Zidec, conselheiro real e executor das ordens do déspota Herodes, o grande. A carnificina foi planejada em consequência de Zefir ter regressado, no dia 6 de Maio, transcurados mais de seis meses do fenecimento de Bartolomeu, sem ter capturado José e os seus, depois de longa, desgastante e infrutífera procura, segundo difundiu.

2-2.1

2/57 Herodes, o grande, que governava a partir de Cessareia de baixo, estava em Belém quando das notícias do surgimento do super-rei, Março de 10 a.C., e do vilarejo não se apartou visando chefiar o desenrolar dos acontecimentos. Desde que cômico ficara do fato, realçado pelos sapientes áulicos como de capital importância, pois as estelas se alinharam, mais irado se comportava do que era o seu normal. Para o tetrarca, a ninguém era facultado ser mais poderoso que ele. Como não havia gravidez em fase terminativa de quem quer que fosse que o persuadisse de que seria o imbatível personagem, cientificado do murmúrio que crescia entre os íncolas, iniciou por sua busca, com o claro intuito de exterminá-lo. Com o passar dos dias e com a convicção do advento do ilustre soberano enraizando-se na população, sentiu sua autoridade ameaçada. Temia não mais

subjugar o povo, que se rebelaria contra suas resoluções, negando-se a pagar os impostos. Essa certeza tinha ele que destruir.

2/58 Os dominados de Belém e região, após o aparecimento do fulguroso astro, tiveram sua crença fortalecida de que, finalmente, o prometido chegara. Depois de largo período de boatos e inúmeras dúvidas, concluíram que ele estaria junto de José e Maria, pois ela fora julgada e condenada a sucumbir, o que não se efetivou, pois o Senhor autorizara que continuasse viva. Arraigou-se neles a mais absoluta firmeza de que a caçula de Joaquim explanara a verdade.

2/59 Herodes, o grande, com Zidec presente, ao ser posicionado por Zefir no tocante ao que se apresentara durante o mais de um ano de investigações, enfureceu-se. Ao escutar de seu conselheiro que José, o carpinteiro, possuía um filho em Belém, não permitiu que arrematasse sua exposição, determinando-lhe que para a residência do varão partisse e o matasse. O consiliário, com pseudo-humildade, expressou-se:

2/60 - “Simeão José é homem de posses, unido com a protegida de um mercador de respeito. Não é bom suspeitar dele.”

2/61 O tirano concordou, pois tinha mais a perder do que a ganhar. Complementando, Zidec recomendou que fossem colocados comandados, disfarçados de mendigos, defronte da empresa e da moradia do primogênito de Sara, para que nenhuma pista atinente a quem diligenciavam ignorassem.

2/62 Decorria Maio de 8 a.C.. Fiando-se na imprecisa panorâmica articulada por Zefir da viagem, buscando por um José forasteiro, sua cômpute e um filho, conservaram-se os pedintes valioso, para os perseguidores, tempo a espreitar; entretanto, nada de estranho constataram, pois José e Maria de Clópatas, bem como seus dois rebentos, estavam na cidade desde Outubro de 9 a.C.. A discrepância no intervalo em que calculavam que os indesejáveis hebreus retornaram resultou de o contratado para a nefasta empreitada ter-se aproveitado do poder emanado pelo medalhão e muito demorado, após sua saída de Veneram, para volver, não informando, obviamente, sobre o deleitoso retardamento; entrementes, incisivo abonava que o trio se destinara a Belém.

2/63 Simeão José e os demais nada perceberam acerca dos atalaiados, porque era corriqueiro um rejeitado aportar, ficar alguns dias e, abruptamente como se mostrara, ir-se embora. Como hodiernamente, não prestavam atenção aos filhos de Deus em ajuste consigo mesmos.

2/64 Ainda que não encontrando por quem procuravam, Zidec aceitou que era plausível a possibilidade da volta deles, pois, adicionado ao relato de Zefir, muitos da plebe comentavam que o redentor anunciado aos profetas estava no vilarejo. Fez lógica para o monarca a hipótese aventada de que, enquanto vasculhavam a circunvizinhança, eles foram para Nazaré; depois, quando a situação se acalmara, regressaram. Contudo, inteirara-se não existir recém-chegado, sem

riquezas e com um único filho, em Belém e arredores, pois os Josés localizados possuíam dois ou mais. Alguns dos que tinham uma dupla de herdeiros, suas mulheres esperavam o terceiro. O déspota, ponderando o conjunto das notícias, abarcou as insuperáveis dificuldades em divisar, com exatidão, os caçados.

2/65 Entendeu Herodes, o grande, que urgia praticar bandeirosa ação, qualquer que fosse, que fizesse os do povo sentenciar que eliminara a para ele inconveniente criança. Mas como descobrir o paradeiro dela e dos genitores?

2/66 Quem os oprimidos apelidaram Mamom detinha o levantamento dos que se chamavam José com esposas que geraram filhos vindos ao mundo em datas próximas ao surgimento da fulgurosa Estrela da Manhã, lista obtida nos Templos de Belém e Jerusalém, pois neles os protetores dadivavam um cordeiro ao Senhor, como preconizava o costume. Quarenta e nove era a somatória dos do rol. Desses, doze vieram de urbes distantes para o ritual, sendo que oito se fixaram nas cercanias. Quem teve a ideia de granjeá-la foi o próprio tirano que, pela iniciativa, sentiu-se como um deus, pois fora propositura integralmente sua e não de algum áulico.

2/67 Sabia também o tetrarca que seis dos recenseados de nome José tinham cônjuges grávidas por ocasião do cadastro, inclusive que a consorte de um deles, por estar em adiantada gestação, sequer andava. Garantiu-lhe o arrolador que, pela fisionomia da hebreia, o parto adviera no mesmo dia, acrescentando que o patriarca lhe solicitara indicação de estalagem.

2/68 Todavia, Herodes, o grande, e seus asseclas admitiam que subsistiam dezenas de rebentos pelos quais os pais não efetuaram a oferenda, por não terem um animal ou recursos para adquiri-lo, e que era comum entre os dominados que não possuíam filhos apresentarem ao Senhor suas filhas, como se fossem meninos, até que tivessem um honroso legatário, mesmo que com distinta mulher.^[71] Por fim, não desconheciam de que outros Josés, genitores de crianças igualmente com duas primaveras, porém não nascidas na região, para ela tinham se mudado.

2/69 Cada sugestão formulada para o intento ser alcançado esbarrava em enorme problema, não os convencendo de que lograriam êxito. Tomando atitude de força, pois seu poder era absoluto, decidiu o alcunhado Mamom exterminar os Josés e suas respectivas famílias, tivessem ou não parceiras e descendentes, e não importava a idade deles, bem como os que ousassem impedir o exercício da sua resolução.

[71] As crianças andavam nuas até a sexta colheita, pois os adultos entendiam que nelas inexistia maldade. Após os seis anos, utilizavam de meia túnica, apenas para cobrir as vergonhas, a qual era igual para meninos e meninas, o que possibilitava a muitas se passarem por garotos.

Somente depois das dez ceifas é que o traje era aumentado, idade em que, muito raramente para acastelá-las, mas por ser desonroso a um genitor não possuir um herdeiro em sua família, principalmente se tivera ele mais de uma companheira, algumas continuavam a usar a indumentária masculina, e não vestes.

2/70 Era da ciência do soberano que, mesmo realizando carnificina maior, não teria a certeza de ter causado o óbito de quem procurava; no entanto, aniquilando os que regressaram na Estrela da Manhã a este orbe para mais um estágio de aprendizado e purgação de suas mazelas, pequenos cujos arrimos os levaram aos Templos de Jerusalém e Belém e dedicaram um sacrifício ao deus em que acreditavam, faria com que os hebreus acolhessem que o prometido de que comentavam morreria. Além do mais, como os subjugados decretavam ser incontável que o pueril ser permanecia no vilarejo, ao estatuir que fossem trucidadas não somente os indefesos relacionados, mas a totalidade dos que seus protetores tinham José como antropônimo, concordariam que a criança especial também perecera.

2/71 Por essa particular lógica foi que o execrado governante exigiu que quarenta e nove corpos com dois anos fossem sepultados separados dos outros expirados. O objetivo foi fazer a inculta população acatar que os rebentos exibidos aos sacerdotes haviam perdido a vida, como enunciavam, mesmo que para ele não fosse a plena verdade.

2/72 A determinação de Herodes, o grande, foi cumprida em sua plenitude. No dia programado, os comandados entraram nas residências previamente assinaladas, instruídos para não deixarem ninguém vivo. Desconheciam quem eram e o porquê do morticínio. Na de José de Clópatas, como a encontraram vazia, seguiram em frente.

2/73 Daniel, um dos assalariados do odiado monarca, foi um dos responsáveis pelo balizamento dos casebres dos infelizes. Com um xis feito com carvão delimitava-as, mesmo que o José fosse ainda garoto ou se falecera. Quando perguntado do por que do ato, respondia não ter sido inteirado, arrematando:

2/74 - “Vai ver que é para saber há quanto tempo aqueles que são Josés estão em Belém.”

2/75 Como muitos habitavam na mesma edificação onde fisicamente aportaram neste planeta, Daniel, na inscícia do por que, tentava explicar a razão:

2/76 - “É porque Herodes não aceitou o que resultou do censo e quer saber quantos somos. Vai começar a contar pelos que são chamados José. Falo que me ordenaram ir a todas as moradias que tenham um José. Depois, deve vir outro para confirmar o que fiz.”

2/77 Os incautos hebreus glosavam que o procedimento decorria em virtude de muitos não terem comparecido ao registro. Asseveraram que Mamom era realmente poderoso, pois tinha precisa noção de que inúmeros dos de sua gente dele não participara.

2/78 Belém, Betânia, Emaús e Jerusalém, lugares nos quais se estendeu o massacre, possuía cinco mil quinhentos e três íncolas, inclusos homens, mulheres, velhos, paralíticos, aleijados, crianças declaradas vindas ao mundo e outras

não, pois os pais omitiram seus nascimentos para fugir dos impostos por filhos. No entardecer de 15 de Maio de 8 a.C, mil seiscentos e dois deles haviam sido executados. A jugulação abrangeu exclusivamente os paupérrimos, praticamente a universalidade dos usurpados, porque eles é que ansiavam pelo servidor anunciado pelos profetas.

2/79 Após a chacina, de posse de uma vara com altura de um menino que tinham a persuasão de estar próximo de completar dois aniversários, filho de um dos poderosos, iniciou-se, no Vale das Almas, a mensuração e cômputo dos corpos dos pequenos sucumbidos que foram segregadas dos demais por escolha pessoal de Zidec. O capitão, também da nova empreitada, convocou para secundá-lo unicamente analfabetos. Os corpos foram colocados lado a lado, e ele, um a um, os media. Mandava enrolar os que eram compatíveis com o tamanho da vareta em um couro de carneiro e os enterrava um junto do outro, na mesma cova. Quando atingiu o quadragéssimo oitavo, avizinhou-se dele um rapaz de nome Jared, que noticiou ser conhecedor de que a criança que ensejara inenarrável situação não estava entre as fenecidas. Sem meias palavras, decretou que somente revelaria o que tinha ciência se duas de suas irmãs que eram educadas para serem escravas de Herodes, o grande, bem como a mãe, cativa no palácio do soberano, fossem alforriadas. Resoluto em seu pleito, articulou que poderia ter a vida tirada no mesmo instante, mas nada divulgaria, nem sob tortura, enquanto não alcançasse seu intento.

2/80 O ousado negociador ignorava totalmente o paradeiro de Jeremias. Procurou por Zidec anuindo que, com a informação que possuía, livraria os de sua família do jugo do déspota. Sabia Jared, dentre as diversas outras convicções suas, oriundas de boatos e comentários que havia muito circulavam, ser José carpinteiro de profissão. Quando cômputo da mais recente certeza entre os hebreus da região, surgida ao principiar a matança, de que José, juntamente com Maria e o prometido, evadira-se de Belém prestes para amanhecer o fatídico dia, às pressas, sem seus pertences, deixando até vestimentas na pedra para secar, uniu-as, urdiu plano para libertar os seus e corajosamente, tanto quanto inconsequente, implementou-o.

2/81 Por estar mais que interessado na localização do afamado rei dos que coadjuvava no agrilhoar, o consiliário aquiesceu em fazer a vontade do insignificante delator; porém, peremptoriamente, avisou-o de que não apenas ele seria morto como traidor, e ninguém se inteiraria do acordo efetuado, se fosse mentira o que lhe seria desvendado. Interrompendo o que fazia, retirou-se e foi reportar-se a Mamom, não sem antes tomar providências visando à emancipação das três mulheres.

2/82 Logo depois do almoço de 16 de Maio, Zidec posicionou o tetrarca de que sua determinação fora concluída, ou seja, que quarenta e nove crianças do sexo masculino, perfeitamente constituídas, jaziam no Vale das Almas, como era

chamado o campo destinado a inumá-las, como costume, pois acreditavam que elas não abandonariam o sítio; muitos até apregoavam que as viam.

2/83 O astuto conselheiro real tinha sua integral atenção voltada para a obtenção do paradeiro de quem sentenciavam ser o redentor programado pelo Senhor, não para atender Herodes, o grande, mas, ambicioso ao extremo, como sempre fora, objetivava tê-lo para instruí-lo, como se fosse seu legítimo genitor. Conhecia o que garantiam os dominados sobre o indefeso implacavelmente caçado, que quando crescesse, saberia do presente e do porvir e seria inigualável em sapiência. Convencera-se, também porque, sua cômputo afirmava que antigos vaticinadores, nos quais a população confiava, marcaram que o menino seria protegido do próprio Senhor e viria com imensurável poder.

2/84 Não saciado com a influência que exercia, Zidec anelava ainda mais força. Com o filho do deus dos hebreus a lhe obedecer, estaria, e com antecedência, a par dos atos e pretensões do oprimido povo, do tirano governante e de Herodes Antipas, que, pelo seguir dos fatos, sucederia o pai. Sedento de mais poder, usaria o pavor que o subsequente déspota sentia de contrair as chagas para se fazer indispensável.

2/85 Não somente pelo temor que demonstrava, Antipas agia como um neurótico. Quem com ele estivesse, necessariamente teria se banhado e trocado de roupa. Qualquer um que adentrasse no ambiente real via-se obrigado a ficar longe, não o tocando em hipótese alguma. Caracterizou-se nos que noticiados do alienado proceder se mantinham de que ele era mais que insano. O conselheiro assumira que, se tivesse o protegido do deus dos subjulgados sob sua subordinação, controlaria o autoproclamado dono da Galileia com maior facilidade, e o poder seria dele.

2/86 Quando, outra vez, com o barganhador, Zidec cientificado ficou do que tinha ele para comunicar: o carpinteiro José, cuja consorte denominava-se Maria, trabalhava com Simeão José. Pôs Jared sua vivência e a dos seus em risco simplesmente por saber que na oficina do filho de Sara havia um José, pois nela, por curto período, laborara e com ele travara incipiente amizade.

2/87 Com a informação, logo na primeira clara hora do dia 17 de Maio, o consiliário, fazendo-se acompanhar de vários comandados e do denunciante, dirigiu-se ao indicado estabelecimento. Não encontrando Simeão José, ordenou que um dos soldados o aguardasse e, com energia, recomendou que de imediato fosse avisado quando de sua chegada. Conseguiu estar com ele apenas no entardecer, pois, após ter retornado de Hiatta e conversado com Rebeca, o primogênito de Sara saiu com seus assalariados para auxiliar no tumultamento dos assassinados.

2/88 Quando Zidec finalmente satisfizesse seu intento, interrogou-lhe acerca de um artesão da madeira provindo de Nazaré em uma caravana com mulheres e crianças, varão que possuía um filho deveras diferente: sua mãe era imaculada

e esposa do deus hebreu. Simeão José, ante o esdrúxulo questionamento, asseverou desconhecer o portador das propriedades anunciadas. Não manifestando seu desagrado, o autoritário conselheiro real, que se julgava merecedor de deferência e a preceituava, indagou seu interlocutor concernente ao tão comentado prometido. Novamente respondendo ao interpelado, o primogênito de Sara relatou estar inteirado do que seus compatriícios glosavam e que, em seu entender, ele nascera para salvá-los, não de Herodes, o grande, não das Leis dos homens, porque elas eram gananciosas, cheias de falhas e injustiças, sem futuro para os de seu povo, mas da ignorância das verdades do Senhor. De inquirido, passou a austero arguidor:

2/89 - “Sobre o ser, o senhor sabe de onde vem ou para onde vai? O que sabe sobre Aquele que criou as estrelas, o Sol, a água e tudo o que existe?”

2/90 Enfatizando, realçou:

2/91 - “O que o senhor sabe?”

2/92 Ante a mudez de Zidec, continuou:

2/93 - “Se o Senhor fosse Herodes, iria querer tirar a vida de inocentes? Abusar de nossas companheiras? Deixar sem protetores muitos outros pequenos? Não, o Senhor sabe que não somos animais.”

2/94 Intrépido, todavia acatado, Simeão José avançou na sua exposição ao, inexplicavelmente, atento consiliário real:

2/95- “Iria o Senhor querer cortar nossas línguas só para não ouvir a nossa voz? Não, o Senhor é só bondade e Seu poder é infinito. É no que creio. O senhor pode procurar na minha moradia e na carpintaria e verá que não escondo uma só pessoa, neste momento ou em outro, que veio de uma pura.”

2/96 Encerrando, sem que o aluno tivesse emitido som algum, perquiriu-lhe:

2/97 - “O senhor sabe de quantos pequenos tirou a vida?”

2/98 Zidec, como a se reportar a seu rei, apontando para Jared, justificou-se:

2/99 - “Quando este hebreu me falou que havia um homem que recebia paga por seu trabalho neste local e que se chamava José, e sua companheira, Maria, deixei a contagem e vim conferir.”

2/100 - “A minha pessoa sabe. Ajudei aqueles que são de minha gente a sepultar os seus sem vida, resultado da ganância pelo poder do senhor e de Herodes.”^[72]

[72] Obteve o número de crianças assassinadas com quem, sem o corpo de carne, realizava preces para os mortos na hecatombe.

2/101 Prosseguiu o primo irmão do anelado libertador:

2/102 - “Pergunto ao senhor: o que mais quer, se não sabe onde aqueles que procuras estão? Sairá a tirar mais vidas? Clamo pela misericórdia divina: deixe aqueles que são de minha gente em paz, porque o Senhor quer.”

2/103 Com educação, concluiu:

2/104 - “Chamo a tua pessoa de senhor porque me exige, mas para mim só existe um Senhor: é o Senhor nosso Deus, o único Senhor daqueles que são de minha gente. O senhor tem o nosso medo, não o nosso respeito, como o nosso Senhor.”

2/105 Nada mais almejando de informação, nem contestando palavra alguma, como que dando razão ao prolatado, Zidec abaixou a cabeça e se retirou, secundado dos seus comandados e por Jared.

2/106 Imediatamente após ser participado de que a quantidade de rebentos que determinara estava inumada, o apelidado Mamom se reuniu com o máximo representante de Roma, que nutria pelo conselheiro noticiador do fato profunda antipatia e suspeição, pois nele via ambição demasiada. Marzius confidenciou ao tetrarca que a confiança depositada em seu desafeto era desmesurada e o questionou de como se inteirava se o que lhe prescrevia era cumprido. Maliciosamente, comentou dos boatos que circulavam, que o decididor dos assuntos de maior importância era Zidec, a quem o povo temia mais do que ao próprio. Finalizando, recomendou-lhe a não depor tanta fidúcia no consiliário e a se certificar do que ele fazia e se o que ordenava era concretizado.

2/107 A prosa foi escutada pelo que tivera seu proceder sob dúvida, primorosamente oculto no recinto. Conhecedor do que se passava pela mente do soberano, aflito por sua vivência caso revelado seu desleixo, na mesma noite buscou entre os seus escravos um menino cujo tamanho equivalia ao da vara que usara na medição. Tomando-o da mãe, dirigiu-se ao primitivo cemitério, onde, mesmo percebendo que o indefeso respirava, envolveu-o em um pedaço de couro e o tumultou, como aos demais quarenta e oito. Sem outra preocupação, regressou a seu palácio, como se nada acontecera.

2/108 No dia 17 de Maio, a poucos minutos do almoço, o monarca, furioso como era, por acreditar que seu conselheiro o traía, decretou que o conduzissem, juntamente com ampla comitiva, inclusos Marzius e o incriminado, até o Vale das Almas. O habilidoso Zidec, consciente do por que do cortejo, indagou ao déspota o que ocorria, mas não obteve resposta.

2/109 Ao adentrar no fúnebre sítio, Herodes, o grande, exigiu que desenterassem as crianças; porém, não foram os minúsculos corpos desenrolados. Qual não foi sua surpresa ao constatar ter sido obedecido em plenitude. O sucedido aumentou a fiúza que dedicava ao seu principal conselheiro, a qual se fazia necessária em virtude de estar adoentado, mal permanecendo em pé.

2-2.2

2/110 O sacrifício dos nascidos na Estrela de Belém culminou o padecimento dos hebreus, que não tinham sequer o direito de pensar que o tirano governante poderia estar errado, que eram proibidos de conversar sobre o Senhor, de explicar acerca do hiperesperado libertador. Não conseguindo se acastelar da opressão prevalecente, após os dois dias de louca matança, calaram-se e ficaram com a certeza de que o prometido aos profetas não perecera, que o Senhor protegera o seu mensageiro que viera salvá-los. Somente a convicção de que sobrevivera foi que deu a eles ânimo para enfrentarem um novo alvorecer, para mais uma sementeira. Enquanto o trigo germinava, crescia a esperança de tempos harmoniosos, distante dos Herodes, de suas Leis e dos impostos, que, muitas vezes, eram pagos com a vivência.

2/111 Povo hebreu, sinônimo de povo sofrido. Eram pessoas que seguiam para a morte com suas melhores roupas, como se fossem a uma festa, que guardavam o mais belo sorriso para a derradeira hora, pois desejavam que, quando o Senhor os visse, soubesse da alegria que sentiam ao partir.

2/112 Tais atos e sentimentos não eram entendidos pelos intimidadores Herodes, que, ao vê-los satisfeitos diante do decesso iminente, interrogavam-se como podiam deixar a vida venturosos e por um deus nunca enxergado. Não abrangiam o porquê do agradecer a eles por os emancipar do corpo físico. Era-lhes inverossímil a persuasão que imperava nos dominados de que o Senhor os receberia.

2-2.3

2/113 Os que junto de José de Clópatas trabalhavam, na integralidade seus compatriotas, não o delataram. Quando, depois da chacina, viram-no, glosaram com ele de sua sorte por não estar no vilarejo. Inteirado do porquê dos óbitos, o único filho de Jacó conservou-se emudecido. Na vindoura manhã, retornou a Hiatta.

2/114 Desde a chegada de Maria de Clópatas a Belém, vinda de Veneram, apreensiva em ser reconhecida, pois transcurara apenas duas colheitas de quando fora sentenciada, pouco saía de sua moradia. Se retirar-se mostrava-se imprescindível, exclusivamente os olhos mantinha descobertos. Por essa e outras atitudes suas, a crença era geral de que portava alguma enfermidade, e das que se pegava, motivo pelo qual escondia o rosto. Como a confirmar a suspeita, o esposo era quem buscava água no poço, evento não comum para a época, pois somente executava a tarefa se a companheira houvesse ganhado criança, e por, no máximo, quarenta e cinco dias, ou se ela não fosse saudável. Como sabiam que a reclusa não parira recentemente, obviamente era molestosa.

2/115 As hebreias de Belém, que em muito se amparavam, não foram pres-timosas para com a caçula de Joaquim, pois a responsabilidade pelas acamadas cabia aos maridos. O fato de ela não ter outra mulher para auxiliá-la corroborou para com o convencimento de seu achaque. Quando se ausentou, causou alívio, pois tinham medo de que, ao se avizinharem, contaminariam-se.

2/116 José também não foi distinguido por nenhum dos de Belém, excetua-do Simeão José, que se admirou de sua aparência, pois, após um ano do tétrico julgamento, sua barba se avolumara e encompridara e seus cabelos embranque-ceram, episódio que ambos não compreendiam.

2/117 Com Maria e os pequenos salvaguardados, o primogênito de Sara divul-gou que seu sócio na carpintaria, que partira sozinho, estabelecera-se em outra cidade. Para evitar chamar a atenção sobre a falta da considerada mazelada, apre-goou que ela fora com as crianças, dias antes do trucidamento, em uma caravana de mercadores que vieram do Egito, visitar um aparentado.

2-2.4

2/118 Hiatta, situada ao sul de Belém, depois de ser invadida em 19 a.C., teve sua população subjugada. Com o passamento de muitos e a fuga de outros para lugarejos que começavam a se formar/reerguer, como Hebrum e Enged, ficou em ruínas, servindo de refúgio para saqueadores e ex-libertos escapadiços.

2/119 Em 10 a.C., Elias e Jarred, sua cōnjuge, provenientes da Galileia com destino a Belém, além de seis outras famílias, perfazendo pouco mais de quatro dezenas de pessoas, abrigaram-se nos escombros do que fora a próspera Hiatta. Pelas marcas de Herodes, o grande, nas paredes que restavam, concluiu o rabino ter sido a gleba um aglomerado de escravos do poderoso tetrarca, que deixou de nela ter interesse. Atentou para a fertilidade que imperava na área, porque, onde nasciam pragas, igualmente abrolharia a boa semente. Na sua mente, sedi-mentou-se o desejo de na região fincar raízes. Acreditou que, após alojados, o proprietário certamente apareceria e com ele negociaria a definitiva estadia sua e a dos que conduzia.

2/120 Ao expor a ideia para os demais, foi ela aceita por unanimidade, pois estavam exaustos de andarem pelo deserto e por abarcarem, na proposta, a oportu-nidade de se estabilizarem.

2/121 Sabia Elias que, quando Mamom ou seus comandados surgissem, era somente pagar os impostos que conquistariam a permissão para ficar. Como o monarca era louco por moedas, atinou que não encontrariam problemas. Bastava determinar limites para o que seria cobrado do solo improdutivo. Decretou para si mesmo:

2/122 - “Herodes pode estar doente do corpo, mas não estará doente da cabeça de nos proibir de nestas terras permanecer.”

2-2.5

2/123 Ao aportar em Hiatta, José procurou pelo arabi, o encarregado pelos e do vilarejo. Recebeu, de imediato, obsequiosa cooperação para montar a oficina e passou a residir na choça do benfeitor.

2/124 Confinada havia perto de duas semanas, Maria, sem noção das horas e com as provisões escasseando, encetou a ficar receosa, também por não estar a par do que acontecia ao companheiro. No décimo terceiro dia, qual não foi sua satisfação ao revê-lo e escutar seu relato de que se instalara em Hiatta, a pedido do primogênito de Sara, onde praticaria seu ofício. O unigênito de Jacó asseverou que, para a proteção de Jeremias, os três careceriam prosseguir por um não dilatado intervalo na caverna. Salientou que viria à noite, mas partiria antes do raiar do Sol, para que na primitiva fábrica chegasse sem que notassem seu afastamento. Comunicou ainda, sem evasivas, o ocorrido com Ana; porém, como das circunstâncias não tinha informações adicionais, prometeu se inteirar dos detalhes, não sem primeiramente acalmá-la, garantindo que nada sucedera a Marta e a Judas, pois, caso contrário, Simeão José lhe teria posicionado.

2/125 Por volta de oito luas, Maria na furna conservou-se, acostumando-se ao ambiente, pois o transformara em um palacete.

2/126 Apenas Elias e a consorte, que não tiveram herdeiro, sabiam da procedência dos Clópatas, que, como inumeráveis outros hebreus, evadiam-se dos Herodes; todavia, por muito tempo ignoraram a causa. Pelo período em que os acobertados fixaram-se em Hiatta, os dois foram seus sustentáculos. Jarred muito amparou a caçula de Joaquim no cuidar de Mateus, de Jeremias e de seus irmãos que advieram. Parte da prole da amiga, quando essa, obrigada, deixou furtivamente a cidade, tornou-se sua responsabilidade. A dedicação e amizade foram tão amplas e significativas entre os integrantes das duas famílias que os de Hiatta acatavam que o hábil artífice e os seus eram da descendência legítima do rabino.

2-2.6

2/127 Jarred possuía quarenta e dois aniversários quando conheceu Maria. Nada articulava ou fazia a não ser que fosse aprovado pelo esposo, não por medo, mas por ter sido educada com rigidez e haver sofrido demasiadamente sob o jugo dos de sua linhagem. O arabi unira-se a ela para apartá-la do mantenedor e dos irmãos, que a tratavam como escrava.

2/128 Com alegria e disposição, de dois em dois dias, caminhava os quilômetros que distanciavam Hiatta da gruta para parolear e acudir a escondida.

2/129 Como as notícias eram invariavelmente as mesmas, que os tributos aumentaram, etcétera, e por Herodes, o grande, haver morrido, Elias e José assumiram que não mais existia perigo, o que proporcionou a Maria abandonar seu paço. Por quatro luas, Jeremias e os seus se demoraram no mesmo teto que Jarred, quando se transferiram para a moradia pregada.

2-3

2/130 O segundo filho dos Clópatas, João, nasceu em 22 de Outubro de 7 a.C., inquietando o genitor, pois fugir com três rebentos seria árduo, senão irrealizável. Como nada de anormal sobrevinha, foram se acomodando, certos de que a procura pelo libertador que fora anunciado aos profetas acabara. Jeremias, em 30 de Junho de 5 a.C., uma irmã ganhou, Verônica.

2/131 Havia mais de quatro primaveras, desde que se safara de Zefir, que Maria não via Judas e Marta, e a saudade a feria, o que não possibilitava a ela ser completamente feliz. Ao novamente engravidar, indagou ao marido, que continuava sua rotina de trabalho na carpintaria, como fariam para escapar se ainda os buscassem. Tranquilizou-a José, afirmando que, se preciso, o Senhor estaria junto deles. Tiago, o caçula dos pais do ansiado redentor, veio ao mundo quando esse atingia exatos sete anos e três meses, em 17 de Julho de 3 a.C..

2/132 O primogênito de Maria diferia das demais crianças, inferiram os habitantes de Hiatta, pois respondia as mais diversas inquirições com presteza e captava sem dificuldades o que lhe era ensinado. Importava-se e se preocupava com o bem-estar de qualquer um, o que Elias reparou. Era o único que subsidiava os encarregados de baldear água para os enfermos, velhos e paralíticos; somente ele agradecia pelas vitualhas quando em aprendizado na sinagoga, igualmente utilizada de local para que os meninos iniciassem a identificar e marcar as letras.^[73] Sempre recuado das contendas, separava os envolvidos nelas, mesmo que fossem de mais safras e de tamanho superior ao seu; era o primeiro a chegar para se inteirar sobre os antepassados de seu povo, deixando o rabino pasmo com seus questionamentos; apenas ele o auxiliava, após as aulas, na limpeza.

[73] Elias, por ser o arabi local, era encarregado da alfabetização dos pequenos varões de Hiatta, ensinando-os da forma vigente. Inicialmente, aprendiam a diferenciar as letras do alfabeto aramaico, esculpidas em uma tábua. Conhecidas, modelavam-nas com massa feita de palha de trigo, areia, terra e água, que secavam sob o calor do Sol. Por fim, constituíam palavras com as mesmas.

2/133 Quando do advento de Tiago, havia muito que Hiatta se distinguia da imensa maioria dos vilarejos hebreus, pois, como sentenciavam seus íncolas, o Senhor se mostrava mais que bondoso para com eles. O trigo fartava, os irracionais eram saudáveis e os neonatos e suas mães não sucumbiam com facilidade. A favorável conjuntura atraiu residentes de outras regiões, que para o eldorado se dirigiam objetivando usufruir de abundância, esquivando-se da miséria que os rondavam.

2/134 Jeremias demonstrava, com suas atitudes, ser realmente díspar, pois era cortês, não retrucava ordem e pouco conversava. Teve uma infância semelhante a da dos garotos de sua época, que sugavam o sustentável e morno líquido diretamente na mama das pacíficas alimárias. Agia, também, de forma travesa, como quando, involuntariamente, pisou no pão que repousava, aguardando crescer para ser assado, não avisando Maria, que estranhou sua recusa em dele comer, pois, depois dos melões e dos damascos secos, era do que mais gostava. Não raro, ao ser lhe dado um afazer, como armazenar lenha, e brincava, distraía-se, olvidando de executar a tarefa. Os outros de sua idade, por se sentirem fortes e valentes, patenteavam autoridade, o que jamais evidenciou. Divertia-se como os demais. Corrida montado em um jumento; quem mais ficava em cima de um dócil bovídeo sem que ele o jogasse ao chão eram seus entretenimentos prediletos, como o tapa-cara, quando se escondiam e somente um é que os buscavam, mas dela ninguém desejava que participasse, pois, se era o procurador, não se ocultavam por muito tempo.

2/135 O prometido pelos profetas não se nutria com carne de nenhum animal. Se na aurora de sua existência lhe eram servidas, anunciava à genitora:

2/136 - “Não quero cear um ser que teve a vivência tirada para nos alimentar. Todas as vezes que olho o caldo com peixe ou com carneiro, tenho eles na minha mente.”

2/137 Por não abarcar cristalina lógica, a caçula de Joaquim, em certa ocasião, replicou que carecia sim, ingeri-las.

2/138 - “Posso pedir a um cordeiro que divida o seu leite com a minha pessoa?”, perguntou Jeremias.

2/139 Sorrindo, Maria, não o levando a sério, aquiesceu, arrematando:

2/140 - “Se pedires ao cordeiro e ele concordar, e se a ovelha permitir, poderás dividir o leite com ele”, atinando graça na inocência de seu primogênito, que saiu com ligeireza.

2/141 O menino rapidamente retornou, proclamando com entusiasmo:

2/142 - “Já não necessito cear caldo. A ovelha aceitou que seu cordeiro divida o leite com a minha pessoa.”

2/143 Demandou, então, que, pela manhã, desse-lhe a metade de seu qui-

nhão da tostada massa do essencial cereal, porque deixaria a outra fração para a noite, que saborearia com o que lhe fora disponibilizado pelo ser que classificamos irracional.^[74]

2/144 Surpresa com o obrar de seu rebento, a preocupada mãe explanou com José o acontecido, que comentou:

2/145 - “Falo que se ele não quer peixe, dá o pão.”

2/146 - “Todos ceiam peixe e carne de carneiro.”

2/147 - “Às vezes, esqueces que tua cria é diferente, que cuidaremos dela só até que tenha colheitas. Falo que a vida dela não pertence as nossas pessoas.”

2/148 Incisivo, complementou:

2/149 - “Tua cria não é igual às outras, o que sabemos desde sua chegada.”

2/150 O pronunciado pelo herdeiro de Jacó era válido exclusivamente para Jeremias, pois não o admitia como filho legítimo; se fosse para com um que julgava sê-lo, não atuaria da mesma maneira. Maria, relembando as ocorrências concernente à vinda do fruto de seu ventre, finalizou:

2/151 - “Estou com medo das colheitas que virão para ele.”

2/152 Seu receio, em parte, provinha do fato de que, em inúmeras oportunidades, verificara que seu garoto se comportava como que se estivesse perante sapientíssimos professores, entretimentos, para os de visão apenas da matéria física, conservava-se solitário. Quando se encorajou para lhe indagar o que fazia e com quem dialogava, a resposta foi imediata:

2/153 - “Digo que estou a aprender com os enviados por Deus.”

2/154 E a cada dia as conferências aumentavam de duração.

***PARA OBTERMOS AUXÍLIO DE NOSSO PAI, O SOLICITEMOS
QUANDO ESTIVERMOS CONVERSANDO COM ELE.***

veja 2/158

***SE ESTIVERMOS DESESPERANÇADOS, DESORIENTADOS,
SE IGNORARMOS COMO PROCEDER, ...***

veja 2/160

[74] Inocentemente, Jeremias primeiro pediu o leite ao cordeiro, que, como de costume quando com ele conversavam, berrou, o que foi entendido como sim; depois foi requerer autorização a ovelha. Ela, na opinião do solicitante, também aceitou, porque ao ordenhá-la, não foi coiceado.

O MAIS BELO DOS LEGADOS

**SOMOS MUITÍSSIMOS AMADOS POR DEUS,
QUE NADA NOS PEDE EM TROCA.**

veja 2/173

**AMARMOS A QUEM NOS PERSEGUE É MAIS
MERITÓRIO QUE AMARMOS A QUEM NOS AMA.**

veja 2/175

AMAR AO PRÓXIMO É ...

veja 2/179

2/155 Jeremias sempre incentivou Mateus, que considerava irmão também na vida de carne, a parolar com Deus. Quando inquirido sobre o porquê, se não O via, instruiu o pequeno varão e a nós:

2/156 - **“Para conversarmos com Deus, digo que não é necessário O vermos.”**

2/157 - “Mas se não vejo Deus, como vou pedir ajuda a Ele quando necessitar?”

2/158 - **“Digo que não é necessário vermos Deus para pedirmos ajuda a Ele. Para recebermos Sua ajuda, basta pedirmos. Digo que se formos merecedores, Deus enviará irmãos que nos ajudarão.”**

2/159 - “E qual é o momento de pedir ajuda a Deus?”

2/160 - **“Quando estivermos em desespero, quando não soubermos o caminho a seguir, digo que é só pedirmos ajuda a Deus, o criador de todo o universo, Aquele que nos enviou a esta morada. Digo que não mais nos sentiremos perdidos, porque Ele colocará junto de nós um irmão que nos ouvirá e, sem que ouçamos esse irmão, nos sentiremos aliviados e encontraremos o caminho a seguir.”**

2/161 Com entusiasmo, proclamou:

2/162 - “Digo para confiarmos em nosso Pai todos os dias de nossa vivência.”

2/163 Não abrangendo o proferido, acreditando que o sobrinho se referira a seu genitor, o menino, igualmente seu colocutor, perguntou:

2/164 - “Mas como vou falar com meu protetor, que está em Nazaré?”

2/165 Sorrindo, o nominado Jesus ao aportar nesse orbe, esclareceu:

2/166 - “Não é de teu protetor desta morada que estou a dizer, é sobre Aquele que governa o universo, Aquele que nos criou e a tudo mais.”

2/167 - “Estás a falar que tenho um outro protetor?”

2/168 - “Estou a te dizer sobre Aquele que criou tudo o que vês e o que não

vês: o Sol, as estrelas, a água, os peixes, os asnos, teu pai, tua mãe, as outras moradas.”

2/169 Asseverou, com assombro, o último fruto de Ana:

2/170 - “Estás a falar que tenho um outro protetor, que é Pai e tem mais autoridade do que José?”

2/171 - “O Pai que estou a te dizer muito ama a todos nós, Seus filhos, e age diferente a José quando não fazemos o certo. José nos põe para buscar água ou lenha para a fogueira ou a pastorear as ovelhas quando não fazemos o certo.”

2/172 - “E o que tenho que ofertar a esse Pai que estás a falar que muito me ama e não me põe para buscar lenha para a fogueira quando não faço o que Ele pede?”

2/173 - **“Digo que Deus, nosso Pai, nos ama e nada pede por nos amar.”**

2/174 - “Esse que estás a chamar Pai se alegra de que gostemos até de Elias, aquele que te bateu?”

2/175 - **“Digo que há mais mérito em amar aquele que nos persegue do que amar aquele que nos ama.”**

2/176 O irmão uterino de Maria, ainda uma criança, replicou:

2/177 - “Podes gostar de Elias, mas vou bater nele se ele vier me bater”, e se retirou.

2/178 Nos anos posteriores, por o nascido no surgir da resplandecente Estela invariavelmente apregoar aos que lhe escutavam para que amemos ao semelhante como nos agradaríamos de ser amados por eles, o tio, em ocasião distinta, questionou-lhe do significado de seus verbos, explanação que, quando o ensejo propiciava, exaustivamente, em partes ou na totalidade, era repetida:

2/179 - **“Digo que não magoar; não buscar vingança; saber perdoar e saber receber perdão; não mentir; não odiar; estar sempre disposto a orientar; não enganar; ter, quando possível, os mesmos objetivos; não ofender, quer com gestos, atos ou palavras, até mesmo com o silêncio que, na maioria das vezes, é usado para provocar, para criticar; não ter sentimento de superioridade; saber dividir um pouco do que tem sem esperar nada em troca; saber receber o que quer que seja, até mesmo críticas; não praticar maldades; não extorquir; apoiar em todos os instantes; não demonstrar ser o que não se é; não revelar as imperfeições que conhecemos; oferecer liberdade e saber usar a liberdade recebida; não explorar; não agredir, não usar de força em nem um só momento, mesmo que nos sintamos agredidos, mesmo que estejamos certos; respeitar as diferenças, as opiniões contrárias; não vilipendiar; saber ouvir e saber o momento certo de se pronunciar;**

não exigir que tenham afeição por nós; ofertar nossa ajuda e cuidados, nosso respeito, nossa proteção em todos os momentos de todas as vidas e em todas as condições é amar, é ter amor por todo aquele que é nosso próximo. Digo que teremos amor pelo nosso próximo quando não ficarmos com o que pertence a ele; quando não o deixarmos só, e não importa as condições; quando o defendermos em todos os momentos de todas as vidas, mesmo que, para muitos, ele não tenha razão; quando não usarmos de sua fragilidade ou de seu não conhecimento de assuntos que dominamos para lhe prejudicar; quando não cobrarmos a afeição que temos por ele; quando não lhe tentarmos mudar, mesmo que para nós mesmos anunciemos que o amamos. Em verdade, digo que ter amor, que amar ao próximo é tudo o que praticamos para o seu bem, é tudo o que praticamos para que ele caminhe para junto de Deus.”

2-3.1

2/180 Em Novembro de 3 a.C., o nominado primeiramente Jesus avisou ao pai:

2/181 - “Um homem inicia a procura por tua pessoa e por Maria, e conheces esse homem.”

2/182 Interrogado sobre quem lhe dera a notícia, respondeu:

2/183 - “Digo que foi a minha pessoa que viu.”

2/184 José, então, arguiu onde o observara, porém Jeremias não conseguiu precisar, apenas ratificou o que proferira. Não aceitando a assertiva do filho, por sentenciá-la fantasiosa, tranquilizou-o:

2/185 - “Não te preocupes, imaginaste quando estavas a dormir.”

2/186 Convicto, o mirrado garoto garantiu:

2/187 - “Digo que não estava a dormir.”

2/188 Desinteressado do tema, o herdeiro de Jacó encerrou o diálogo afirmando que adotaria as providências cabíveis. Esquecendo-se quem era a criança, nada fez.

2/189 O primogênito de Maria continuava a se recrear e a fazer suas atividades diárias normalmente, apesar de algumas de suas ações causarem surpresa e admiração a muitos, como quando o pequeno Elias, quem lhe batera, dirigiu-se, mesmo doente, a uma caverna não tão perto de sua residência e, muito febril, não retornou, angustiando aos seus. Notando o alvoroço, Jeremias acalmou-os ao informar que sabia de seu paradeiro e, para o sítio, conduziu José, o rabino,

o genitor do ocultado e uma diminuta multidão. Na furna, encontraram-no com úlceras pelo corpo inteiro. Devido à pirexia, balbuciava que via o que os demais não enxergavam. O almejado salvador apropinquou-se do enfermo e colocou uma das mãos em sua testa, sussurrando-lhe que trouxera o protetor. O cônjuge de Jarred, carregando o molestado, encetou a volta. Antes que chegassem, percebeu que a temperatura de seu xará mitigara, que das lesões vertia o visgo que caracteriza o começo da cicatrização.

2/190 O ocorrido foi para o carpinteiro motivo de inquietação e receio, pois a maioria dos de Hiatta muito mais reparo ao neto de Joaquim dedicou. Temeu que, com o espalhar do acontecido, seriam localizados. Entretanto, para o meigo servidor, nada de estranho adviera.

***NÃO FAÇAMOS AO NOSSO SEMELHANTE O QUE NÃO
ANELAMOS QUE NOS FAÇAM, E O RESENTIMENTO
NÃO MAIS EXISTIRÁ ENTRE IRMÃOS.***

veja 2/192

SE NÃO NOS AMARMOS, PODEREMOS AMAR A DEUS?

veja 2/195

2/191 Em um entardecer, na sinagoga, o arabi reuniu os homens, como habitualmente fazia, e leu uma das Leis Mosaicas que, conforme inferia, o nobre antepassado dos hebreus recebera do próprio Senhor. Jeremias, com nove aniversários, muito atentou, como de seu costume, para o discursado. Quando adentrou em sua moradia, questionou os arrimos:

2/192 - “Elias anunciou a todos o olho por olho, dente por dente, o que Moisés deixou escrito, mas **o certo a anunciar não é para não fazermos aos outros o que não queremos que façam para nós? Se não queremos ser ofendidos, não ofendamos; se não queremos ser feridos, não firamos; se não queremos que saqueiem o que é nosso, não saqueemos o que é dos outros. Quando nem um só de nós não mais ofender, não mais ferir, não mais saquear um outro filho Deus, todo rancor que um irmão tiver contra um outro desaparecerá.**”

2/193 - “Porque não falas essas palavras para Jacob, aquele que fala a todos que ama o Senhor? Sei que Jacob vai entender com muita alegria essas palavras que estás a falar”, articulou Maria.

2/194 Côncio de que o indicado se mutilava para que as pústulas produzidas gerassem compaixão e lhe ofertassem moedas, o que a mãe ignorava, o vindo ao mundo no surgir da luminosa Estela da Manhã revelou:

2/195 - “**Digo que aquele que não ama a si mesmo não poderá amar a Deus, o Pai de todos nós. Se somos criação de Deus, não amar a Sua**

criação é não O amar, porque Ele se mostra na Sua criação e, se Deus se mostra em mim e me amo, amo a Ele.”

2/196 A matrona, que sempre acreditou ser o filho o redentor vaticinado pelos profetas, espantou-se com o lógico raciocínio, mas nada pronunciou. José, dissimulando seu pasmo, asseverou ao garoto que era ele muito novo para não concordar com o rabino. O pequeno professor, que aplicadamente escutava o genitor, saiu, então, para brincar com seus irmãos, permanecendo o casal a conversar atinente ao sucedido.

2/197 O herdeiro de Jacó, desnorteado, sugeriu à esposa incumbir outrem com sapiência superior à sua para que instruisse o menino. Constrangido, confessou à consorte que, às vezes, era obrigado a emudecer-se em virtude de não alcançar o significado do proferido pelo de poucas primaveras.

2/198 - “Entregarei Jeremias aos sacerdotes, que conhecem as Leis e os escritos e têm grande sabedoria”, concluiu, sem muita convicção.^[75]

2/199 Sua interlocutora manifestou-se afirmando ser incapaz de opinar sobre como deveriam proceder; contudo, complementou:

2/200 - “Passa no meu interior que o Senhor irá nos mostrar. É só esperarmos e confiarmos no Senhor, que mostrou estar a nos proteger em todos os momentos.”

Capítulo 2

2-1 *Sua* natividade:

- O advento do filho de Ana e Mateus;
- José e Maria são procurados em Nazaré;
- A primeira das fugas;
- Como *Jeremias*;
- O decesso de Ana;

2-2 O assassinato dos nascidos na Estrela de Belém e os que descendiam dos Josés:

- A segunda evasão de José e Maria;

[75] Julgava-os sábios porque estavam familiarizados com as Leis de Moisés e as do Templo, bem como por marcarem os vocábulos não somente no couro.

2-2.1 O porquê do morticínio;

- O conselheiro real com Simeão José;

- A presunção do máximo representante de Roma;

2-2.2 O sofrido povo hebreu;

2-2.3 O alívio com a súbita partida de Maria de Clópatas;

2-2.4 O ressurgimento de Hiatta por intermédio de Elias;

2-2.5 José nas terras de Jacó;

2-2.6 Jarred;

2-3 *Sua* infância; João, Verônica e Tiago, *seus* irmãos:

2-3.1 O aviso de que reiniciavam a perseguição.



Mar Mediterrâneo

"Mar" da Galileia

○ Nazaré

○ Cessareia de baixo

○ Veneram

○ Emaús

○ Jerusalém

○ Betânia

○ Belém

○ Hiatta

○ Hebrom

"Mar" Morto

○ Enged

